

É possível ajudar um assassino? Reflexões a partir do documentário *O ato de matar*, de Joshua Oppenheimer

Ramon Castro Reis¹

Resumo: Na década de 1960, ocorreu, na Indonésia, uma onda de assassinatos perpetrada não somente pelas forças armadas desse país, como também por esquadrões da morte formados por populares. Tais eventos, denominados de “genocídio indonésio”, por conta do regime ditatorial vigente, só recentemente puderam ser investigados. O diretor Joshua Oppenheimer havia planejado filmar a história dos descendentes dos mortos para um documentário, mas o número de assassinos que se apresentaram para explicitamente descrever seus atos foi tão grande que ele mudou seu foco. Surgiu daí o longa-metragem *O Ato de Matar*, composto pelos relatos e pelas encenações daqueles que perpetraram as mortes. A partir da leitura da obra em questão, o autor deste artigo faz uma breve revisão histórica dos eventos, descreve as tentativas de sua compreensão, aborda os possíveis elementos que favoreceram os massacres, confronta os sintomas dos assassinos com o binômio saúde/doença e reflete se seria possível (e de que maneira) ajudar tais pessoas.

Palavras-chave: Filmes cinematográficos. Psicanálise. Violência. Sinais e sintomas. Terapia.

¹ Psiquiatra Psicoterapeuta. Mestre em Ciências da Saúde pela UFCSPA. Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA.

Fatos e encenações

Conforme descrito por Robinson (2018), e atualmente disponível em referências digitais abertas como a Wikipedia, nos anos de 1965 e 1966, ocorreu, na Indonésia, uma onda de perseguição e assassinatos tendo como alvo comunistas, chineses e simpatizantes. O genocídio indonésio (ou a tragédia de 1965, como tal período foi posteriormente chamado) foi não somente perpetrado pelas forças armadas daquele país, mas também por esquadrões da morte formados por populares instigados por elas. Contudo, a ânsia de matar foi tão grande e espontânea que nem mesmo o exército conseguiu conter o caos instalado em algumas localidades. Grupos islâmicos passaram a entender as mortes como guerra santa, que purificaria o islã de sua mistura com o comunismo, e líderes hindus relacionaram as mortes a sacrifícios necessários para acalmar os espíritos enraivecidos pelo passado sacrílego dos acusados. Assim, as mortes tiveram, principalmente, um cunho político (anticomunista), mas também religioso e étnico (de chineses).

Investigações apontaram que entre 500 mil e 3 milhões de pessoas foram assassinadas, o que coloca o massacre entre os piores do século XX, ao lado do expurgo soviético dos anos 30, dos assassinatos em massa dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e do banho de sangue maoísta dos anos 50.

Por conta da repressão do regime ditatorial do General Suharto, que teve fim em 1998, os assassinatos foram omitidos nos livros de história e apenas recentemente puderam ser abertamente discutidos em sociedade. Além disso, apesar de os Estados Unidos terem apoiado o massacre, seja entregando listas de supostos comunistas às forças armadas, seja fornecendo dinheiro para a propaganda que relacionava eventos adversos ocorridos no país à atuação do partido comunista, a mídia dos países ocidentais repetidamente invocou o estereótipo dos povos orientais como primitivos e violentos para explicar o genocídio.

Depois de quase cinquenta anos do massacre, o diretor americano Joshua Openheimer e sua equipe viajaram à Indonésia para filmar a história dos descendentes dos mortos, mas o número de assassinos que, explícita e voluntariamente, apresentaram-se para descrever seus atos foi tão grande que ele resolveu mudar o foco. No documentário *O Ato de Matar*², alguns homens responsáveis pela morte de mais de mil pessoas relatam e reencenam seus atos. O documentário vai além da história para revelar o funcionamento político e social atual, herdeiro do golpe militar da época dos assassinatos.

2 De acordo com o *site* imdb.com: *The Act of Killing*, 2012, 117 minutos (ou 159, na versão estendida), produtora *Final Cut for Real*. Disponível legendado no Youtube.

Os gângsteres, como autodenominam-se (traduzindo tal expressão por “homens livres”), têm por aliados a mídia e os políticos, o que reforça a validade de suas condutas. Os relatos e as encenações, por conta disso, parecem surreais ao expectador, que é exposto à frieza dos assassinos e à aparente banalidade de suas práticas. Numa das tomadas, por exemplo, eles reencenam as mortes que perpetraram como se estivessem num filme de *cowboy*; noutra, eles mesmos assistem ao que gravaram e reclamam das roupas que vestiam, por estas darem um ar amador à filmagem; noutra ainda, solicitam aos próprios descendentes para que reencenam as execuções de seus parentes.

Ao substituir as filmagens dos eventos em si por suas reencenações a partir do ponto de vista dos assassinos, o diretor poupa-nos do horror diante dos atos violentos para nos chocar pela impassibilidade e até mesmo pelo orgulho daqueles que os cometeram.

Leituras

Diante dos fatos, duas são as possibilidades de leitura rápida, não excludentes: ou pensa-se o povo indonésio como primitivo, no qual a bestialidade encontra poucas barreiras culturais de contenção e para o qual a vida tem pouco valor, ou aponta-se a reptiliana influência norte-americana que, sem escrúpulos, transforma povos em marionetes e não poupa esforços para alcançar seus objetivos de domínio. Porém, uma terceira tentativa de compreensão do fenômeno pode ser considerada: a que pondera o que a psicanálise tem a dizer. Em outras palavras, que configuração psíquica e social habilita pessoas que até então eram pacíficas a, sem culpa, realizarem ações atrozés?

Uma possibilidade de resposta provém da relação entre esses esquadrões da morte e o Estado. Diante da poderosa ascensão do partido comunista e do questionamento de diversas tradições (como a posse de terras e o respeito a preceitos religiosos), criou-se uma tensão de ordem conservadora, que se transformou em comoção popular com a ajuda da propaganda anticomunista.

No entanto, para que esses grupos de extermínio, que passaram a ser reconhecidos pelo regime ditatorial que estava tomando o poder, não se transformassem em monstros aos próprios olhos, duas ações psíquicas tornaram-se necessárias: a ligação não interdita a um ideal (o de salvadores da pátria, que purgariam o país da degeneração) e a consequente colocação de todo mal num subgrupo de pessoas (comunistas, chineses e infiéis), configuração semelhante à descrita por Freud (1921/1996) em seu artigo sobre psicologia de grupo. Ao denominarem-se gângsteres e entenderem tal palavra como significando “homens

livres', tais pessoas paradoxalmente sentiram-se livres para cumprir a imposição do seu ideal, vendo-se com autoridade para sacrificar em nome de um bem maior. A tão defendida liberdade, nesse caso, não passou do melhor disfarce para a prisão imposta por um superego sádico.

Anwar Congo, um dos assassinos, ao enfatizar que as matanças ocorreram não apenas porque “os comunistas mereceram”, mas também porque ele e seus colegas eram “capazes de matar a todos”, transparece o grau de imposição ao qual eles eram internamente submetidos: não agiam naturalmente, mas para provar que conseguiam fazer o que o seu ideal lhes impunha.

Saúde e doença

Numa certa altura do documentário, Anwar Congo queixa-se de noites mal dormidas e de pesadelos. Seu companheiro de matanças informa-lhe que ele precisa consultar um neurologista, porque faltam vitaminas no seu cérebro. Noutro trecho, ele pede para interromper a encenação no momento em que está sendo estrangulado com o mesmo método que usou para, “sem sujeira”, matar centenas. Em outro momento, tem náuseas e vômitos ao visitar um local de extermínio.

Tais cenas do documentário nos levam a questionar a relação entre os sintomas e o processo de saúde e doença. Seriam tais sintomas, como apontou o comparsa de Congo, indicativos de um processo de adoecimento? Ou, pelo contrário, seriam os primeiros indicativos de uma possibilidade de saúde? O mero esbatimento desses sintomas, seja por meio de medicações, seja por outras técnicas, seria o objetivo terapêutico? Ou isso apenas reforçaria o desligamento de importantes aspectos humanos que agora parecia hesitar?

De acordo com a teoria psicanalítica, se o sintoma, por um lado, contém o aspecto defensivo, punitivo ou violento, por outro, traz consigo o componente pulsional ou desejante. A partir dessa compreensão, o surgimento de um ou mais sintomas não indica, necessariamente, adoecimento. Muitas vezes, como parece ser o caso, pode indicar a possibilidade de ligação com uma parte mais sensível, menos violenta do psiquismo (daí o aparecimento da conflitiva). Dessa maneira, além de fonte de sofrimento, os sintomas podem trazer consigo o potencial de expansão psíquica ao indicarem o início de um espaço de transformação.

Não se trata, é claro, de demonizar os tratamentos químicos, úteis quando esse processo é por demais penoso e ameaçador à integridade psíquica. Porém, se usados com exclusividade, dificultam, se não impedem, qualquer possibilidade de mudança.

Expansão

As reações de Anwar Congo também nos levam à seguinte questão: é possível ajudar um assassino? Uma vez que a palavra ‘ajudar’, nesse contexto, é ambígua, podendo ser entendida como socorrer, mas também como apoiar os assassinos, fica a dúvida de até que ponto os relatos e as encenações incentivadas pelo documentário “ajudaram” os perpetradores no sentido de reforçarem as crenças que tinham de si mesmos e até que ponto os “ajudaram” no sentido de abrirem espaço para uma possível transformação. Congo, aparentemente, foi o único a ter essas reações e, por isso, talvez seja uma exceção. Todavia, uma exceção que nos convida a pensar.

As bizarras e chocantes cenas exibidas ocultam o diretor e sua equipe, mas explicitam sua grande capacidade de continência. Nas palavras de um codiretor (em tradução livre): “como essas pessoas podiam contar essas histórias horríveis de maneira tão leve e orgulhosa? Você só quer desafiná-los imediatamente, mas tem de continuar dizendo a si mesmo para ser paciente, para deixá-los contar a história do jeito que eles gostam, porque então poderemos aprender algo a mais sobre todo o sistema de destruição”.

Ao renunciar respostas rápidas e, mais do que isso, ao se abster de julgar e emitir novas verdades (sobre o certo e o errado, o bom e o mau), a equipe de filmagem demonstrou o que Bion (1973), tomando o termo usado por John Keats, chamou de capacidade negativa. Se essas pessoas executaram tais ações movidas por verdades e certezas, possivelmente não seria através de novas verdades e certezas que refletiriam sobre elas.

O psicanalista, ao ser testemunha ativa que sustenta o espaço (físico e emocional) para os relatos e as encenações de configurações psíquicas que antes só se manifestaram por atos, abre espaço para que o analisando possa defrontar-se com suas próprias palavras e gestos. Ao tolerar o não saber, o não julgar (moralmente) e a impotência de não ter como ajudá-lo de outra maneira, ele pode vivenciar com o analisando elementos que este não pôde desenvolver sozinho (pois suas posturas indicam certeza ideológica, julgamento sumário e nenhum impedimento de ação) e, ao fazer isso, cria a possibilidade de uma legítima mudança psíquica.

Evidentemente que o trabalho não se encerra com essa postura continente. Pelo contrário, apenas se inicia. Porém, sem ela, qualquer possibilidade de verdadeira mudança (não apenas dos comportamentos, mas dos conceitos internos que levam a eles) parece estar de antemão fadada ao fracasso. Intrrometer

posicionamentos e verdades, por mais bem-intencionados que sejam, apenas consegue, na melhor das hipóteses, adestrar uma mente já predisposta a certezas inquestionáveis a receber uma nova ordem, dessa vez menos danosa à sociedade. Verdade seja dita, às vezes é o que é possível de ser feito.

Claro que se expor a tais relatos e afetos não é fácil, e o psicanalista precisa estar ciente de suas capacidades e limitações diante da insensibilidade e do horror. Contudo, o documentário deixa-nos uma ponta de esperança ao mostrar as reações de sofrimento de Anwar Congo ao longo do seu relato. Supondo verdadeiras as cenas mostradas, ao se colocar na posição de suas vítimas e ao contar a história de seus atos, ele pôde, no seu tempo e de acordo com sua capacidade, pelos menos desconfortar-se diante deles.

The end?

Apesar de o título referir-se ao ‘ato’ de matar, o filme é um longo relato, acompanhado da reencenação dos crimes perpetrados por Anwar Congo e outros simpatizantes do regime ditatorial que se instalou na Indonésia de 1967 a 1998.

O título deste artigo, por conta da dupla acepção da palavra ‘ajudar’, foi propositalmente escolhido por ser ambíguo, porque ambígua também é a posição dos que se propõem a olhar para ações de tal natureza e exibi-las aos outros. Se por um lado documentários como este abrem espaço para uma possível reflexão (individual e geral), por outro não se encontram muito distantes de se tornarem joguetes voyeuristas e exibicionistas da repetição teatralizada de um gozo sádico.

O psicanalista, ao se propor a criar um espaço para que alguém possa confrontar-se com sua humanidade (e com a falta dela), invariavelmente é impelido a também confrontar-se com a sua. Os intensos sentimentos que precisam ser entendidos e trabalhados impõem a ele o desafio de ser testemunha de tais relatos sem se tornar violentado, indiferente, cúmplice, doutrinador ou justiceiro. Ou melhor, o desafio de tentar retomar sua posição a cada escorregada que der em direção a qualquer um desses abismos.

Is it possible to help a murderer? Reflections from the documentary *The act of killing*, by Joshua Oppenheimer

Abstract: In the 1960s, a surge of killings occurred in Indonesia, not only perpetrated by the Indonesian military, but also by popular death squads. These events, called “Indonesian genocide”, on account of the prevailing dictatorial regime, have only recently been investigated. Director Joshua Oppenheimer had planned to film the story of the

descendants of the dead for a documentary, but the number of killers who came forward to explicitly describe their actions was so great that he shifted his focus. From this came the film “The Act of Killing”, composed of the stories and scenarios of those who perpetrated the killings. From its reading, the author briefly reviews the historical events, describes attempts to understand them, addresses possible elements that favored the massacres, confronts the murderers’ symptoms with the health/disease binomial, and reflects on whether it would be possible (and in what way) to help such people.

Keywords: Motion pictures. Psychoanalysis. Signs and symptoms. Therapy. Violence.

Referências

Bion, W. (1973). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In J. Strachey (Ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 81-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

Indonesian mass killings of 1965-66. (s.d.). In *Wikipedia, the free encyclopedia*. Retirado de https://en.wikipedia.org/wiki/Indonesian_mass_killings_of_1965%E2%80%9366

Oppenheimer, J. (2012). *The act of killing*. Retirado de https://www.imdb.com/title/tt2375605/?ref_=fn_al_tt_1

Robinson, G. (2018). *The killing season: A history of the Indonesian massacres, 1965–66*. Princeton: Princeton University Press.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 09/04/2019

Aceito em: 19/04/2019

Ramon Castro Reis
Rua Dr. Florêncio Ygartua, 391 / 507
90430-010 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: ramoncastroreis@yahoo.com.br